



---

## O ESPETÁCULO DAS VIDAS OCULTAS

### THE SPECTACLE OF HIDDEN LIVES

**Ronaldo Galindo Sobral<sup>1</sup>, Prof. Dr. Marcelo Alcaraz<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Aluno do Mestrado em Teoria Literária, Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil

<sup>2</sup> Docente do Mestrado em Teoria Literária, Centro universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil

E-mail: ronaldosobral@outlook.com

---

### RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da obra *A vida que ninguém vê*, da escritora gaúcha Eliane Brum. Os textos que embasaram esta produção são relatos reais publicados na coluna “A vida que ninguém vê”, do Jornal Zero Hora, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Neste artigo, busca-se evidenciar o olhar atento da narradora aos detalhes da vida cotidiana e banal de pessoas comuns da sociedade; pessoas que não são celebridades, porém vivem ou já viveram situações extraordinárias em suas rotinas. Com o registro das histórias desses cidadãos comuns, a autora faz referência a indivíduos anônimos, à margem de uma sociedade classista e excludente. A abordagem de Brum é humanizada, impregnada de sensibilidade para com aqueles que dirige seu olhar. Este artigo explora a capacidade de Brum em construir sua narrativa a partir dos relatos pessoais dos entrevistados, enquanto reforça o caráter extraordinário de cada uma das vidas retratadas, convidando-nos a observar tais sujeitos com um olhar diferente do habitual; olhar direcionado para o homem simples, que metaforicamente pode representar qualquer brasileiro. Os textos analisados são relacionados às teorias de filósofos e escritores que abordaram a complexidade e o comportamento humano em sociedade. **Palavras-chave:** Contemporaneidade; relato; crônica; sociedade.

### ABSTRACT

This paper presents an analysis of the work *A vida que ninguém vê*, by the writer Eliane Brum. The texts on which this production is based are real accounts published in the column "A vida que ninguém vê" (The life that nobody sees), in the newspaper Zero Hora, in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The aim of this article is to highlight the narrator's attentive eye for details of the everyday and banal lives of ordinary people in society; people who are not celebrities, but who live or have lived through extraordinary situations in their routines. By recording the stories of these ordinary citizens, the author refers to anonymous individuals, on the margins of a classist and exclusionary society. Brum's approach is humanized, imbued with sensitivity towards those she looks at. This article explores Brum's ability to construct his narrative from the personal accounts of the interviewees, while reinforcing the extraordinary nature of each of the lives portrayed, inviting us to observe these subjects with a different eye than usual; an eye directed towards the simple man, who metaphorically can represent any Brazilian. The texts analyzed are related to the theories of philosophers and writers who have addressed complexity and human behavior in society. **Keywords:** Contemporaneity; reporting; chronicle; society.



## 1. INTRODUÇÃO

A escrita desse trabalho tem base na obra literária premiada: *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum. A obra foi vencedora do Prêmio Esso regional sul, em 1999, na categoria livro de reportagem; sendo originalmente publicada em coluna no *Jornal Zero Hora*, na cidade de Porto Alegre, no início dos anos 90. O trabalho de Brum constitui-se numa coletânea de textos curtos, no formato de relato jornalístico, com características do gênero crônica.

Publicada em 2006, a obra reúne relatos escritos pela jornalista, pautados no que há de mais extraordinário em cada vida, por mais simples e pouco influentes que sejam seus protagonistas. Os personagens retratados por Brum são pessoas simples, a maioria integra classes sociais menos favorecidas; pessoas geralmente situadas à margem na organização social, vivendo na invisibilidade e no anonimato.

Os relatos selecionados para a composição da obra têm em comum o retrato da vida humana em sua condição de efemeridade, da sua insignificância diante das adversidades cotidianas. Assim, os textos de Brum se aproximam do gênero crônica pela habilidade da autora captar recortes do cotidiano dos personagens. Eliane também utiliza linguagem bastante acessível, proporcionando uma narrativa leve e sutil no que diz respeito às características da natureza humana.

Este artigo pretende relacionar o conteúdo da obra a conceitos teóricos sobre a sociedade contemporânea, apontando as implicações de se viver numa sociedade de consumo e de exclusão de indivíduos não-iguais ao grupo dominante. Nas crônicas de *A vida que ninguém vê*, são encontrados desde o relato de pessoas em situação de até o das pessoas que embora tenham como se manter com alimentação e moradia, estão expostas à severidade da vulnerabilidade financeira. Portadores de necessidades físicas ou deficiência mental também são retratados pela jornalista.

O fato de a autora da obra ser jornalista, explica parcialmente a habilidade com que ela transforma os relatos simples em algo grandioso, marcado por um tom literário, carregado de sensibilidade; oportunizando um texto bastante próximo do registro oral, o que de certa forma contribui para uma leitura

prazerosa. Em *A vida que ninguém vê*, o olhar é direcionado para o trivial de vidas anônimas e a partir daí, transformado em linguagem quase poética, que partindo das particularidades de cada personagem, cria um paralelo contrastante com o ideal de vida imaginado para o homem contemporâneo.

A vida descrita na obra de Brum é a que se vive na invisibilidade, a que não tem relevância para uma parcela da sociedade detentora de poder econômico. Pelo recorte social que se faz para a captação das histórias, as personagens, ainda que envolvidas em sua trama pessoal, mostram-se excluídas de determinados lugares, sendo pressionadas para a margem. Esses indivíduos invisíveis compõem a sociedade, se escondem nela, se alimentam dela, no entanto, não conquistam os mesmos espaços dos demais integrantes, detentores de recursos financeiros.

Os indivíduos retratados em *A vida que ninguém vê* destoam sistematicamente dos grupos aos quais deveriam pertencer. Essa dinâmica denuncia certa exclusão social, que tem seus pilares na organização financeira desses grupos, e por outro lado, mostram a rejeição da maioria do grupo para com os indivíduos de comportamento não compatível com o que se idealiza para as sociedades de consumo.

Neste viés, Eliane Brum constrói uma narrativa justa, clara e intrigante, que é quase perturbadora; uma narrativa que provoca os indivíduos trazendo-os para uma reflexão sobre o valor da vida e a efemeridade da existência humana.

## 2. AS VIDAS OCULTAS EXTRAORDINÁRIAS

### 2.1.1.O extraordinário no jornalismo

Descobrir o mundo e a si próprio é uma necessidade humana arraigada no íntimo de cada indivíduo. O jornalismo, com sua capacidade de compartilhar informação, atrai um público expressivo justamente pela proposta de suprir parte dessa necessidade, permitindo-nos conhecer o outro e a partir dele reconhecer nossas próprias características, desejos e fragilidades, tanto na nossa percepção enquanto indivíduos, quanto espécie.

A ideia geradora da obra teve início em 1993, quando a autora, a caminho do trabalho, distraiu-se com um pequeno grupo de pessoas



ao redor de um bueiro, no centro de Porto Alegre. Sem conter a curiosidade, cedeu à vontade e juntou-se ao grupo de observadores. No local, a jornalista deparou-se com garotos que faziam do bueiro sua morada noturna, surpreendidos por aquelas pessoas enquanto saíam do suposto dormitório.

Eliane, ao passo que aproveitava para noticiar o fato inusitado, inspirou-se naquelas vidas para a criação da coluna jornalística que mais tarde compôs a obra *A vida que ninguém vê*. A autora percebeu naquela situação, uma oportunidade de retratar a vida que é negligenciada, a vida de uma parcela da população que não tem voz, que está sempre à margem.

Falar do mundo contemporâneo, principalmente através da literatura, não é uma tarefa confortável; essa é uma atividade que demanda coragem. Cada indivíduo em sua complexidade, oculta um universo de ações que podem ser analisadas de diferentes pontos de vista. No texto ensaístico “Da incoerência de nossas ações”, o filósofo Michel de Montaigne fala dessa complexidade dizendo que somos todos constituídos de peças e pedaços juntados de maneira casual e diversa, e que cada peça funciona independentemente das demais, daí ser notável a diferença entre nós mesmos quanto entre nós e outrem. (MONTAIGNE, 1980 p.4)

O trabalho de retratar o outro, como Brum realiza em *A vida que ninguém vê*, possibilita o entendimento de que a vida humana não pode ser reduzida a uma tese, jamais deve ser classificada, tampouco encaixotada em parágrafos, como se fosse algo simples. A autora, ao refletir sobre sua própria carreira jornalística, faz a seguinte consideração sobre a proposta da obra em análise:

A proposta da coluna de crônicas-reportagens, construída no caminho, mais por intuição que por plano, era estimular um olhar que rompesse com o vício e o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que era do senso comum, o que fazia com que se acreditasse que a minha, a sua vida fossem bestas. (BRUM, 2006 p. 187)

Desta forma, constata-se que o trabalho desenvolvido por Brum vai muito além do senso comum, pois parte de um lugar de fala legitimado, que é o jornal, para colocar-se à disposição de indivíduos objetivando que estes se reconhecem pela experiência do outro, para

que possam enxergar a própria vida na vida alheia e a partir dessa observação, experimentar novas perspectivas.

Como contraponto na construção de um jornalismo extraordinário, Brum aponta a existência de uma valorização exacerbada da palavra dita no meio editorial, e tece uma crítica pelo fato de que essa prática acaba tornando o jornalismo refém:

Só se pode contar com palavras transmitidas por telefone ou por e-mail. Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O não-dito é, muitas vezes, tão importante quanto o dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, aprender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio. (BRUM, 2006. p.191)

Logo, retratar o extraordinário de vidas humanas é uma estratégia eficaz na busca pelo não-dito, na conquista do que se esconde na subjetividade. Um único ser humano, conforme define Brum, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado dos heróis. Portanto, cada Zé é um Ulisses e cada Ulisses é um Zé; o que evidencia que somos mais iguais do que gostaríamos.

### 2.1.2. A rua: olhar de um outro lugar

Olhar para outrem é um exercício transformador. Os relatos narrados pela autora de *A vida que ninguém vê* se encarregam de exemplificar parte da experiência de vida de personagens que por motivos diversos foram impelidos para uma vivência não-padronizada nos moldes da sociedade burguesa. Essas experiências chamam a atenção do leitor para uma dinâmica de exclusão presente na sociedade contemporânea que exclui aquele que difere do grupo, aquele que não cede ao jogo de adequação por ele imposto.

Nessa dinâmica de exclusão, há sempre alguém para ser chutado por expressar a imagem assustadora do grupo; alguém indesejado, que aponta a falha de todo um



processo; alguém que ainda não consolidou a conquista de seu espaço. Como exemplo, podemos destacar o personagem Israel Pires: jovem enjeitado de um bairro enjeitado, que aos 29 anos teve uma oportunidade de reconstruir sua vida ao se aproximar de uma escola pública e ser visto por uma professora. (BRUM, 2006, p.22)

Brum relata que Israel sempre fora colocado à margem, e não fosse o olhar ativo da professora, certamente a corrente de exclusão que o cercava se perpetuaria. No trecho a seguir, a autora descreve o personagem Israel em sua imagem de exclusão social:

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutra da vila. Filho de pai pedreiro e de mãe morta, vivendo em uma casa cheia de fome com a madrasta e uma irmã doente. Desregulado das ideias, segundo o senso comum. Nascido prematuro, mas sem dinheiro para diagnóstico. Escorraçado como um cão, torturado pelos garotos maus. Amarrado, quase violado. Israel era cuspidor. Era apedrejado. Israel era a escória da escória. (BRUM, 2006, p.22)

Na obra *A origem dos outros*, a escritora estadunidense Toni Morrison discorre a respeito dessa característica humana de exclusão do diferente:

Porém, a tendência dos humanos é a de separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser controlados, tem uma longa história que não se limita ao mundo animal nem ao homem pré-histórico. A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle. (MORRISON, 2019 p.23)

A escritora Eliane Brum, também direciona o leitor para um ângulo de visão diferente do habitual, ao apresentar o personagem Sapo (BRUM, 2006, p. 60); nesse relato, um pedinte portador de paralisia nos membros inferiores arrasta-se com a barriga no chão para pedir esmolas nas ruas de Porto Alegre. Brum, para realizar sua entrevista,

aproxima-se de Sapo colocando-se à altura de sua linha de visão.

Essa atitude de alteridade, possibilitou uma maior compreensão do universo de Sapo, estar à altura de seu campo de observação permitiu ver as coisas como ele vê, criando vínculo para que ele compartilhasse experiências pessoais e detalhes menos evidentes de sua vida. Para Brum, a ação de olhar a partir de um outro lugar abriu caminhos para se entender a experimentação de se viver fora das regras da sociedade burguesa, tal qual é vivenciada por Sapo.

Uma característica interessante da rua é o seu ineditismo, pois nunca podemos afirmar o que encontraremos nesse espaço. João do Rio, na obra *A alma encantadora das ruas*, afirma que a rua é quem faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça. (RIO, 2008 p.30) A rua constrói e destrói os seus agregados, tanto pessoas quanto edifícios, imprimindo-lhes identidade.

Eugênio Bucci, em *A superindústria do imaginário*, 2021, discorre acerca da dinâmica de organização e autonomia dos espaços, no texto *O lugar que não para no lugar*, Bucci fala sobre a alteração sofrida pelos espaços, que ora carregados de ancestralidade, agora se rendem às exigências econômicas ou são condenados ao esquecimento.

Na supermodernidade, como denomina Bucci, os lugares sociais não podem mais ser entendidos como históricos ou identitários pois estes estão em constante transformação. Dessa forma, Bucci reforça a autonomia do espaço urbano de rua.

Os relatos de Brum permitem essa discussão a partir de um dos personagens, o Conde de Porto Alegre, o Senhor Manoel Marques de Souza, do século XIX – o conde é uma estátua de mármore a princípio colocada na praça D. Pedro II pela Princesa Isabel em 1885.

Brum primeiramente reconta parte dos feitos heroicos do conde e sua importância para a época, o que levou as autoridades a decidirem eternizá-lo em mármore.

O Conde de Porto Alegre, Sr. Manoel Marques de Souza, ocupou importante posto militar e político brasileiro do século XIX. Nasceu em 13 de junho de 1804, na cidade do Rio de Janeiro, local onde também faleceu em 18 de julho de 1875.

Manoel Marques de Souza teve uma carreira militar de destaque, participou de



diversos eventos históricos do Brasil Império, liderando a Guerra da Cisplatina (1825-1828), um conflito entre o Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina e Uruguai) pela posse da província da Cisplatina (Uruguai).

Posteriormente, Manoel Marques de Souza ele teve um papel de destaque na Guerra do Paraguai (1864-1870), também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança. Nessa guerra, o Brasil se uniu à Argentina e ao Uruguai para combater o Paraguai. O Conde de Porto Alegre comandou tropas brasileiras em várias batalhas importantes durante esse período.

Além da carreira militar, o Conde de Porto Alegre também desempenhou papel político de senador do Império em 1857, participando ativamente do cenário político brasileiro da época.

A relação de Manoel Marques de Souza com a cidade de Porto Alegre, deve-se ao fato de ter sido nomeado comandante das forças militares naquela região durante o importante conflito conhecido por Revolução Farroupilha (1835-1845), de caráter regional, a Revolução Farroupilha marcou a história do Estado do Rio Grande do Sul.

Logo, o Conde de Porto Alegre é lembrado como uma figura importante da história militar e política do Brasil, tendo deixado sua marca em momentos decisivos para o país, historicamente.

Entretanto, com o tempo, tudo quanto o conde representava foi sendo esquecido, apagado. Quando da escrita do relato da autora, a escultura do conde já havia sido mudada de lugar pelo poder público duas vezes. Nos dias atuais o monumento ocupa um pequeno espaço sem nenhum destaque nem visibilidade para os transeuntes, servindo de urinol para mendigos e aves.

No trecho a seguir, Brum escreve a respeito da efemeridade da vida e a brevidade da glória atribuída ao conde; a escritora revela o dinamismo da ação do tempo e a aleatoriedade com a qual a sociedade decide prestigiar coisas e pessoas:

O conde – quanta ironia! – ficou sem espada, sem poder, sem fama e sem glória. Como o mais infeliz, o mais miserável de seus soldados. No fim tudo é pó. Esquecimento. E o inconfundível cheiro de urina. E se aconteceu com o conde – o conde! – pode acontecer com qualquer um. O Conde de Porto Alegre reduzido a uma

vida que ninguém vê num canto da cidade. (BRUM, 2006 p. 69)

Em *A vida que ninguém vê*, Brum retrata diferentes personagens em diferentes histórias, dentre esses relatos, vale destacar também o relato de Jorge Luiz: um homem com habilidade de mastigar e engolir vidro, alimentar-se de pedaços de vidro sem se ferir. A análise sobre esta personagem relaciona-se com parte da teoria do filósofo coreano Chul-Han.

No relato, o personagem Jorge, decepciona-se com os transeuntes que estão dando mais atenção para um indígena com um lagarto dentro de uma gaiola do que para si, o indígena ofusca sua habilidade de deglutir vidro, tirando dele a oportunidade de ser admirado pelas pessoas.

Dessa forma, o personagem relata para Eliane que experimenta uma sensação intensa de rejeição maior do que a que está habituado, tanto que chega a relatar sua insatisfação para a jornalista por conta própria, comparando sua performance à do indígena e externando sua não compreensão da predileção do público pelo concorrente.

Para Brum, o homem do estômago de aço não estava preparado para não ser notado pelos seu público, ou seja, não estava preparado para ser e parecer invisível, além da invisibilidade trivial de seus dias.

Jorge Luiz não entendia por que as pessoas preferiam ver um lagarto sem graça fazer coisa nenhuma a assistir a um homem comer vidro, deitar sobre vidro, caminhar sobre vidro. Não compreendia um mundo em que um homem comendo vidro não causa espanto. Ficamos os dois ali, olhando feio para o lagarto. Depois fui embora, sem responder à sua pergunta de abismo. O homem de aço não estava preparado para a maior de todas as dores: a da invisibilidade. (BRUM, 2006, p. 151)

O filósofo Chul-Han, no texto *Sociedade da transparência*, discute o conceito de violência da transparência, referindo-se à uma corrente de padronização dos indivíduos: O teórico ressalta que A transparência estabiliza e acelera o sistema eliminando o outro ou o estranho. Elimina toda a ambivalência e nivela o ser humano a um elemento funcional de um sistema. (HAN, 2017 p.13).



Neste viés, a decepção sentida pelo personagem Jorge pode ser relacionada diretamente à padronização proposta pela sociedade contemporânea. Jorge acaba sendo excluído duplamente: primeiro pela impossibilidade de acessar todos os locais acessados pelos demais, segundo, pelo público que naquele momento está recusando prestigiar sua performance. É a exclusão da exclusão.

Chul Han fala sobre uma possível transformação da sociedade a partir dos efeitos da transparência e da visibilidade constante das pessoas. Na "Sociedade da Transparência", o filósofo aponta que a sociedade contemporânea está mudando seu comportamento, pois é possível que esta tenha internalizado as estratégias de controle dos poderes controladores das massas.

O filósofo aborda a questão da disseminação das redes sociais, e a necessidade que as pessoas têm de publicar constantemente suas experiências na internet. Para o filósofo, esse comportamento é uma forma de oprimir a sociedade. Na ânsia de tudo mostrar e publicar, as pessoas podem estar sendo impedidas sistematicamente de expressar o que realmente sentem.

O filósofo coreano também discorre acerca da atenção humana. Os indivíduos da contemporaneidade não estão mais conseguindo ter foco e atenção nas atividades que desenvolvem pelo excesso de informações às quais estamos sujeitos o tempo todo, mais um fator que segundo Brum, impactaria diretamente na maneira com a qual percebemos os diferentes.

O pensamento de Chul Han também alerta que o exercício desmedido da autotransparência, ou seja, a exposição desenfreada das atividades humanas individuais, pode levar à perda da individualidade. A partir do momento em que as pessoas revelam tudo de si, a própria definição de humanidade passa a perder valor, abrindo caminho para uma massificação.

Chul Han faz uma importante análise sobre o homem contemporâneo, enfatizando como a transparência, a visibilidade constante e a busca incessante por exposição afetam a humanidade. A teoria de Chul Han propõe um debate a respeito dos efeitos do comportamento massificado e sobre a forma como vivemos em sociedade.

Na obra de Eliane Brum, o personagem Jorge, inconformado pela predileção das

pessoas pelo seu concorrente com um réptil, participa dos efeitos da invisibilidade descrita por Chul Han, obviamente, em proporções menores, mas de alguma forma, incidindo sobre o comportamento dele e dos demais transeuntes daquela praça.

Ainda sobre a característica de exclusão do diferente, é possível observar um comportamento humano tendencioso quando se considera as movimentações e maneiras de agir em grupo. Neste aspecto é possível estabelecer uma comparação desse comportamento ao comportamento dos canídeos, por exemplo, que atuam em matilha, cooperando mutuamente numa só finalidade de preservar a uniformidade do grupo ao qual pertencem.

Nessa dinâmica comportamental, o diferente é rechaçado, expurgado do grupo por não apresentar o mesmo padrão da maioria. Como definido por Chul-Han, a ambivalência necessita ser eliminada para que uma coletividade garanta seu predomínio em determinado ambiente.

### **2.1.3. O caráter extraordinário da vida humana**

As personagens retratadas pela autora em *A vida que ninguém vê*, experimentam situações de interação social nas quais, na maioria das vezes, estão sendo privadas ou alienadas a respeito de seus direitos. No entanto, muitas dessas personagens expressam algum desejo de superar a barreira da desigualdade e encontrar espaço para si no meio social, por mais difícil que seja a trajetória para essa conquista.

Cada existência, a partir daí, passa a revelar algo de extraordinário e para que esse extraordinário seja revelado, o olhar do narrador penetra com muita sensibilidade na intimidade de alguns dos personagens.

O escritor e pensador curitibano Marcelo Alcaraz, no romance *Amém*, miséria, também convida para uma reflexão sobre a vida humana na contemporaneidade por intermédio da experiência de seus personagens. Na obra de Alcaraz, são feitas considerações sobre a verdade que se oculta e se revela na dinâmica existencial: Em uma cidade grande, as pessoas nunca sabem ao certo como estão os outros, a vida é uma eterna e vacilante apreensão do outro, cada pessoa contém um abismo, a verdade sempre escapa, oculta sobre o tecido



grosso da superficialidade e convenção. (ALCARAZ, 2021, p.39)

Eliane Brum, em *A vida que ninguém vê*, transita entre os relatos de seus personagens revelando suas peculiaridades com bastante sensibilidade. Entre esses relatos está o do personagem Leandro Siqueira dos Santos, que vivencia uma situação de exclusão social. Leandro é um adolescente que retornou de um coma por atropelamento, tendo atendimento fisioterápico negligenciado, sofreu atrofia nas pernas e mãos, até ser ajudado por uma enfermeira.

Para receber atendimento médico, a família de Leandro improvisa uma maca com madeira velha com a finalidade de tirá-lo do morro de geografia acidentada. Na narrativa de Brum, a situação experimentada por Leandro se deve pelo fato dele haver nascido do lado errado da cidade, no alto do morro, onde o acesso e as condições de vida são muito aquém do ideal para uma vida plena de direitos e assistência. Segundo Brum, em determinado momento o garoto se dá conta de sua condição de exclusão e reflete sobre ela:

Leandro Siqueira dos Santos nunca havia reparado que nascera numa cidade partida. Perdeu a inocência no instante da descoberta. Quando os doutores disseram que nada mais poderiam fazer por ele, o pai arranhou uma porta velha, bichada, e sobre ela deitou o filho. Com a ajuda dos parentes, dos vizinhos, do povo de cima, carregou-o até o alto do seu destino. Pela primeira vez o menino decifrou o precipício de sua vida. Pela primeira vez sentiu medo do barranco, das pedras, das cicatrizes escalavradas na terra. O menino percebeu naquele exato momento que havia nascido com todas as pontes dinamitadas. Quando compreendeu, começou a envelhecer. Até a voz mudou. O menino é desde então um prisioneiro no alto da torre da cidade. Suas pernas eram as únicas asas que tinha para voar sobre o fosso entre os dois mundos. (BRUM, 2006 p.72)

Numa condição de exclusão semelhante, Brum revela a história de Antônio Antunes, personagem que enterra o filho natimorto num pequeno caixão doado pelo serviço social. No relato intitulado “Enterro de pobre”, Antônio adquire consciência de que o

caminho de morte experimentado por seu filho será o mesmo seu e o de seus netos, todos marcados e aprisionados por uma sensação de escassez cujo desfecho será sem dúvida a morte. Antônio não pode ver o corpo do filho, nem ao menos vesti-lo com uma roupa barata que adquirira no centro da cidade.

Para o personagem, resta a experiência de viver uma vida sem lugar, sem ter sequer o espaço para morrer. Antônio afirma que a vida matou seu filho pois se tivessem recursos o bebê teria sido salvo, a mãe não teria sido negligenciada ao procurar atendimento médico. Homens como Antônio têm em comum a mesma experiência: a da invisibilidade. Brum, discorre sobre a saga de Antônio, marcada pelo infortúnio de uma vida negligenciada:

Foi isso que Antônio Antunes, o abatedor de árvores, compreendeu. E foi isso que terminou de arrebatá-lo. Porque era só o começo e porque não tinha fim. Apenas repetição. Porque homens como Antônio nascem e morrem do mesmo jeito. E nesse sentido, o bebê que não viveu apenas economizou tempo, abdicando do hiato entre todas as formas de morte reservadas a ele na vida. (BRUM, 2006, p.37)

Brum reforça a condição permanente de escassez experimentada por Antônio, fazendo uma crítica às políticas ineficazes que perpetuam a pobreza e a miséria no país desde o seu descobrimento. A percepção de Antônio sobre sua própria existência, deixa clara uma certa tendência ao sofrimento e à pobreza. No trecho a seguir, a autora relata a condição cíclica do sofrimento de Antônio que se perpetuará nas gerações que o sucederem:

Nada se encerrou para Antônio porque ele sabe que em breve estará de volta. E será tudo como foi. Como sempre foi, na morte como na vida. Deixa para trás o filho sem nome, sepultado numa cova rasa, sem padre e sem flor. Porque a cova de pobre tem menos de sete palmos, que é para facilitar o despejo do corpo quando vencer os três anos do prazo. Então é preciso dar lugar a outro pequeno filho de pobre por mais três anos. E assim sucessivamente há 500 anos. (BRUM, 2006, p.39)



Inerente à essa discussão, podemos citar a teoria de Chul-Han, que faz considerações a respeito do conceito de sociedade positiva, que explica a invisibilidade experimentada por Antônio, no que se refere à banalidade do sofrimento alheio por ele sofrido e a reação das demais pessoas diante de seu sofrimento. De acordo com o filósofo, na sociedade positiva não há lugar para sentimento negativo; dessa forma, o sofrimento e a dor do outro tendem a ser atenuados.

Nessa perspectiva, o ato de perceber a dor de outrem e/ou saber lidar com esse sentimento adquire forma incomum para a sociedade positiva. Conforme Chul-Han, a sociedade positiva está em vias de reorganizar a alma humana de uma maneira totalmente nova. No curso e empuxo de sua positivação, também o amor é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências. (HAN, 2017 p.19)

Como contraponto desses dois primeiros exemplos selecionados de personagens dos relatos de Brum, destaca-se o personagem Oscar Kulemkamp. Oscar é um senhor aposentado que recolhe e recupera móveis e objetos descartados no lixo de Porto Alegre. Brum descreve Oscar como alguém que teceu sua colcha de retalhos com a vida dos outros, tudo quanto foi descartado, mas que carrega algo de identitário de seus antigos proprietários. Enquanto os protagonistas dos relatos anteriores aqui citados experimentam a negligência e o esquecimento, Oscar trabalha para manter viva a memória e imagem daqueles que foram negligenciados.

A imagem da casa repleta de lembranças sobrepostas onde vive Oscar é uma visão perturbadora para muitos dos seus vizinhos. Brum comenta que Oscar inverte a lógica da sociedade da transparência de Chul-Han, no relato do personagem, um mundo ideal seria aquele onde coisas e pessoas não fossem descartadas.

Quando surge lá de dentro, desconfiado e sorridente, Oscar Kulemkamp já vai explicando que um dia, um dia em breve, vai levar tudo aquilo para construir uma casa na praia. Uma Pasárgada onde bonecas cansadas, fotografias de crianças que já se deixou de amar e cartões de aniversário que se foram não virem lixo. Um mundo onde nem coisas nem pessoas sejam descartáveis. Onde

nada nem ninguém fique obsoleto depois de velho, quebrado ou torto. Um mundo onde todos tenham igual valor. E a nenhum seja dado uma lixeira por destino. O número 81 da rua Bagé é o castelo de um homem que inventou um mundo sem sobras. Dando valor ao que não tinha, Oscar Kulemkamp deu valor a si mesmo. Colecionando vidas jogadas fora, Oscar Kulemkamp salvou a sua. Talvez seja esse o mistério do número 81. E talvez por isso seja tão assustador. (BRUM, 2006, p. 50)

O personagem apropria-se de vidas jogadas fora, mas que ainda estão impregnadas nos objetos recolhidos, salvando-as do esquecimento e da invisibilidade. Para Brum, Oscar acabou tomando para si a missão de unir os pedaços da cidade. Retomando o filósofo Michel de Montaigne, que defendia a ideia de que a constância humana seja talvez a mais difícil qualidade de ser encontrada, por conta de seus instintos impulsivos, podemos entender a atitude de Oscar Kulemkamp pelo viés de alguém que foi influenciado pelas circunstâncias do momento, sujeito a oscilações e inconstância, como todo e qualquer ser humano. (MONTAIGNE, 1980 p. 2)

### 3. CONCLUSÃO

O recorte narrativo do estilo de vida contemporâneo presente nos relatos de Brum, são de fato carregados de uma sensibilidade que confere à narrativa jornalística um tom poético. As experiências de vida, cuidadosamente selecionadas e transcritas para sua obra são o retrato da essência humana e da vida secular em sua simplicidade.

Os personagens retratados são únicos, mas poderiam ser qualquer um dos muitos brasileiros que transitam todos os dias, anonimamente, operando nas grandes massas populacionais, desempenhando as mais diversas atividades. A sociedade capturada pelo olhar atento da jornalista-cronista revela os anseios e os temores de indivíduos que buscam o significado da própria existência.

No entanto, independentemente do contexto em que as pessoas vivem, Eliane busca mostrar que cada indivíduo contribui para a sociedade de maneira única, potencializando a capacidade que a sociedade tem se fortalecer a





partir da soma das individualidades, ou seja, da pluralidade dos que formam determinado grupo social.

Nas grandes cidades, como em qualquer lugar, existem pessoas de diferentes origens sociais, econômicas e culturais, e ainda que essa contribuição não seja deveras valorizada por todos os setores sociais, elas promovem certo “bem estar” coletivo. A autora evidencia que pessoas comuns, com experiências extraordinárias desempenham papéis vitais na tessitura social e seus esforços contribuem para a funcionalidade das cidades, o bem-estar de suas famílias e, em de alguma forma para a coesão social.

#### **4. REFERÊNCIAS**

ALCARAZ, Marcelo. Amém, miséria. Bragança Paulista: Editora Hecatombe, 2021.

BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUCCI, Eugênio. A Superindústria do imaginário. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

HAN, Byung – Chul. A sociedade da transparência. Tradução Enio Giachini. Petrópolis, Vozes: 2017.

MONTAIGNE, Michel. Ensaaios. Tradução Sérgio Millet, 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MORRISON, Toni. A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução Fernanda Abreu; 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas: crônicas; organização Raul Antelo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.